

DJACIR MENEZES

*VIDA SOCIAL E
CRIAÇÃO LITERARIA*

869.4
M543 v

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO



Solenidade de inauguração da cátedra de "Cultura e Literatura Brasileira", na Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires, em 3 de setembro de 1953.

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
695	17/7/59

NOTA

NO dia 3 de setembro de 1953, durante os festejos da semana da Pátria, instalou-se, na Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires, a cátedra de "Cultura e Literatura Brasileiras", sendo convidado a proferir a aula inaugural o professor Djacir Menezes, catedrático da Universidade do Brasil.

A solenidade foi presidida pelo Senhor Reitor da Universidade, dr. Carlos Alberto Bancalari, com a presença do Embaixador brasileiro, dr. Batista Luzardo, do Decano da Faculdade, dr. Antônio Serrano Redonnet, do Chanceller Jerônimo Remorino, do Almirante Olivieri, Ministro da Marinha, e numerosas autoridades civis e militares.

O memorando, que o Senhor Embaixador dirigiu às autoridades universitárias, gizou as linhas gerais do programa da matéria, que deveria compreender:

"1º) As condições históricas da formação brasileira — Exame de sua cultura material e espiritual, no moderno sentido antropológico do termo. Esta parte seria uma introdução sociológica ao estudo do fenômeno literário;

2º) O desenvolvimento de sua literatura — *Um dos mais importantes aspectos de sua cultura espiritual. Abrangéria:*

a) *As primeiras manifestações literárias, desde a fase colonial à “escola” baiana e árcades mineiros;*

b) *O romantismo, das primeiras manifestações com a Independência até às vésperas da República;*

c) *O movimento naturalista e simbolista, da República aos dias da “Semana da Arte moderna”;*

d) *O movimento modernista até nossos dias.*

E concluía:

“O estudo seria animado do espírito de simpatia cooperativa, pela análise, sempre que possível, das similitudes e divergências entre os valores estéticos das duas pátrias na formação de ambas as literaturas. A rica experiência da literatura, dentro do quadro cultural das duas nações, é o mais alto fator de incentivo dos sentimentos de harmoniosa compreensão, em meio à grande família ibero-americana”.

Coube ao Embaixador Orlando Leite Ribeiro, com descortino e lúcida compreensão, ampliar a ação educativa em prol dos sentimentos de fraternidade, em 1954, autorizando a organização do “Centro de Estudos Brasileiros” e confiando-o à direção do professor Djacir Menezes. Ao ilustre diplomata, que goza do mais alto e límpido conceito no meio portenho, se deve a iniciativa e a vitória do Centro. E destacou-se, desde os

primeiros dias, vencendo toda sorte de dificuldades, o Ministro Jaime de Barros, cuja assistência foi da mais subida valia.

A simpatia que logo envolveu este órgão de aproximação cultural manifestou-se imediatamente na elevada inscrição de matriculandos. Em três meses, o Centro contava mais de 500 alunos — e pôde realizar palestras semanais, organizar orfeão, iniciar sua biblioteca e editar dois números dos “Cuadernos Brasileños”, com farta colaboração de professores e alunos.

Neste fascículo, publicamos a aula inaugural da cátedra de “Cultura e Literatura brasileiras”, e, a seguir, o discurso de encerramento do ano letivo de 1954, no Centro de Estudos Brasileiros, proferidos pelo professor Djacir Menezes.

* * *

Os demais ensaios compilados neste opúsculo giram sempre em torno do tema fundamental da cultura — o tema da Liberdade, condição vital do exercício da função docente. Quando os homens de pensamento são considerados “perigosos” — a dignidade universitária e científica está ameaçada pelos sectarismos ideológicos a caminho do poder.

Mais do que nunca, Ciência e Filosofia são expressões da Liberdade.

VIDA SOCIAL E CRIAÇÃO LITERÁRIA

A INICIATIVA do senhor Embaixador do Brasil recebeu das autoridades universitárias argentinas um acolhimento tão fraterno e clarividente que nos emocionou. Essa generosa decisão abre horizontes espirituais à juventude das duas pátrias, ampliando-lhe a perspectiva iluminada das criações estéticas dentro do processo civilizador do Continente.

A alta honra de inaugurar a cátedra neste luzido quadro docente coube a um professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, unidade universitária irmã desta na constelação de nossas instituições educativas, com idênticos objetivos e semelhante estrutura curricular, nos seus lineamentos mais gerais. E', pois, a Universidade de meu país que desvanecidamente agradece à Universidade de Buenos Aires, ao colendo Corpo Congregado, ao senhor Decano Antônio Serrano Redonnet, ao eminente Reitor Carlos A. Bancalari e, sobretudo, a calorosa simpatia com que descerraram as portas alvissareiras desta Casa para acolher a proposta dêsse sincero e devotado amigo da Argentina, que é o Embaixador Batista Luzardo. Rendo também à Sua Excelência o preito do meu reconheci-

mento à lembrança de meu nome para a honra excepcional dêste instante que marca, na minha vida de professor, uma hora inolvidável.

Disse ainda Sua Excelência, em sua proposta, que esta cátedra seria uma voz no concêrto dos estudos superiores desta gloriosa Nação, — voz de simpatia intelectual sugerindo o encanto dessa harmonia que nasce na ordem superior dos interêsses da Inteligência. Porque aqui está o crisol das elites destinadas a influir na vida do país, — o órgão da dignidade e responsabilidade científicas, a *alma parens* das energias culturais que vem, desde as brumas coloniais, configurando a fisionomia luminosa desta pátria.

A história das instituições educativas é a dinâmica das forças que plasmam a tradição, — essa tradição que vejo envolvida em halos de emoção votiva e ardente, no itinerário de glórias que se desata de San Martin, cuja espada impoluta risca o perímetro moral de um povo, passando à pléiade de numes tutelares como Moreno, Belgrano, Sarmiento, Alberdi, Echeverria, Gutierrez, Mitre e Lopez, que iluminaram, com as centelhas do gênio, os meandros obscuros do passado para compreensão serena do futuro.

O que se cria nestas forjas é a *cultura* — mas cultura na moderna concepção antropológica do termo, exprimindo a totalidade das criações do esforço humano, desde os instrumentos de trabalho às obras da inteligência estética, científica ou filosófica. Ação e especulação, teoria e prática se integram na História: o *homo faber* é o mesmo *homo sapiens*. O pensamento

vincula-se, na sua faina vital, às realidades naturais e sociais, brota da prática humana e reflui sôbre ela, insere-se no movimento histórico das sociedades. Divorciando as atividades do espírito das exigências coletivas para insulá-las em dois reinos distintos — o da cultura *material* e o da cultura espiritual — subtraímos o “nexus rerum”, os liames sociais entre as coisas criadas, que lhes dão *sentido*, anulamos o clima dos significados e dos valores, apagamos a luminescência inteligível das coisas, destruimos o que Hegel chamou de “Espírito objetivo”, diluimos a história humana dentro de uma obscura história zoológica.

De fato, senhores, todo o desenvolvimento que exprimiu a ascensão do homem, na sua progressiva e laboriosa racionalização, foi uma penosa e árdua conquista pela assimilação e domínio das forças naturais, incorporando-as ao quadro social e dispondo-as ao serviço das necessidades humanas. E isso determinou um crescimento de consciência pela interação da “mente” e do “mundo”. Tôda essa ambiência especificamente humana e humanizada é a “cultura”, protoplasma germinal da Civilização. Da flecha ao radar, do canto da inúbia à Nona Sinfonia, do tabu ao Decálogo, — todo êsse *Espírito objetivo* não surge por obra de um *fiat* mágico, mas se enquadra na paisagem dos valores estéticos, políticos, morais e científicos criados pelo homem.

E o homem humaniza a Terra, disse Dewey. Nesse trabalho, desenvolve ainda mais sua própria humanização: ascende. Que é a paisagem dêste continente hoje, na área onde se definiria a nacionalidade brasileira,

senão a expressão dessa atividade? As plagas americanas entraram na história ocidental quando a Europa emergia do Medievo, as correntes comerciais se expandiam na infância heróica da Renascença e a imprensa alvorecia nos cimos do Pensamento. As vicissitudes do processo de colonização enchem três séculos... Eu não vos ameaço com recapitulações enfadonhas dos que massacram, numa obstinação magnética, a paciência dos auditórios benévolos. Nem mesmo lembrarei o balbuciar de nossa evolução literária, ainda no crepúsculo do primeiro século, com a *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, uma exaltação medíocre, em estrofes imitadas de Camões, do governador Jorge de Albuquerque Coelho. E que dizer do grupo baiano, que rumoreja no século XVII, no Recôncavo, onde começa a crescer a riqueza de cana-de-açúcar — e no meio do qual avulta a personalidade irrequieta, desajustada, maledicente, de Gregório de Matos, bacharel em leis, tesoureiro da Sé com murça de cônego, apelidado de “bôca do Inferno”, cravando versos nos desafetos como flechadas?

E o grupo mineiro, amena reunião de árcades, sôbre os quais se projetou, negra e fatídica, os braços da força de Tiradentes, como uma maldição, destroçando, em nome da Coroa lusitana, lares e sonhos, e arremessando, em nome dum reacionarismo brutal e beato, aquêles pugilo de poetas para o calabouço e para os arcais da África, onde expiariam o crime de idealizarem a pátria livre? A posteridade erigiria êsse patíbulo em altar de civismo nacional, envolvendo a memória de todos no mesmo hálito de amor e de glória.

1. A CONSCIÊNCIA ROMÂNTICA E A EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA

Mas a idéia de liberdade já abria caminho aqui entre vós, numa esteira de luz, que vai, como um rastilho, às portas do cabildo de Buenos Aires. E quando o vice-rei Cisneros, perplexo, tartamudeia a Castelli, que lidera o povo: "*Como? Así se atropella la majestad del rey en la persona de su representante?*" — era o porvir argentino que atropelava o presente, na ânsia de organizar a nação em marcha.

Alguns anos depois, a consciência brasileira também impeliria o príncipe D. Pedro I a romper os vínculos coloniais para salvar a coroa periclitante. São tempos tumultuosamente genésicos — e a literatura reflete esse tumulto: é o primeiro momento do romantismo. Assinala-o, em 1836, nosso Domingos José Gonçalves de Magalhães, com seus *Suspiros poéticos e Saudades*, onde se acham aquelas estrofes sobre Napoleão vencido, solitário, na ilha famosa:

*Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o eco fúnebre das ondas,
Que murmuram seu cântico de morte...*

Sim, lá estava o Imperador que espavorira a corte de D. João VI e instigara o bloqueio inglês do Prata, quando a bravura argentina escreve aquelas páginas heróicas da resistência de Buenos Aires... No ano de 1837, o vosso Echeverria, também cheio de romantismo, cantava na *Cautiva*:

*Era la tarde y la hora
Em que el sol la cresta dora
De los Andes. El Desierto,
Incomensurable, abierto,
Y misterioso a sus pies
Se extiende...*

O deserto, as solidões rurais, o antagonismo da civilização e da barbaria que o gênio de Sarmiento iria dramatizar profeticamente, nas páginas do *Facundo*. Vinte anos depois, Magalhães, entre nós, volve os olhos, a sua maneira, para as selvas, para o índio, a busca do tema épico da *Confederação dos Tamoios*.

Mas o indianismo tocara a sensibilidade brasileira através de seu mais delicado gênio poético, o mestiço admirável que se chamou Antônio Gonçalves Dias.

É curioso anotar o sincronismo da irrupção das energias nativistas, dentro das suas formas específicas de cada meio, na Argentina e no Brasil: o ano de 1857 assiste à aparição, em Leipzig, do poema indianista *Os Timbiras* e, no meio portenho, o *Santos Vega*. Decerto não há afinidades literárias entre produtos tão díspares: mas há o sentido sociológico da reação oriunda do caldeamento, um significado cultural de floração que abrolha do mesmo humus americano, já denunciando o conflito do desenvolvimento dos dois povos.

Os anacronismos e os defeitos de Ascasubi, apontados pelos críticos, não tiram da obra o valor de painel rural de massas desassossegadas e disseminadas no pampa, com a *estância grande* e sua clientela gauchesca,

na rudeza primitiva e heróica de seus costumes. A estância era o único foco de ordem e cordialidade, como disse JUAN AGUSTIN GARCIA, pois "el dolor y la iniquidad solo castigan a los que se apartan del grupo familiar y a las turbas de vagos que se criam en los hogares errantes". O instinto clânico da organização palpitava naqueles núcleos poetizados na *Estância la Flor*,

*Alli, donde la riqueza,
Y la amistad, y el amor,
hijo dichosos a tantos...*

A poetização do nosso Gonçalves Dias, perdendo o contacto tão vivaz com as forças nativas, volvia-se na idealização mais literária do índio. Êste adquire *status* acima do negro, para o que contribuíra a política jesuítica desde os primeiros tempos. Socialmente, traduziam êsses fenômenos a valorização do mulato, que progredia nos quadros políticos, com a transformação por que passava o país. O largo remanso que foi o panorama do segundo Império mostrava o advento das novas elites, que vinham na crista da civilização industrial. Mas era ainda o fazendeiro, como diz Normano, a base, a coluna mestra do edifício econômico do Império. Em todo caso, o nome de Mauá era a bandeira das novas forças no organismo nacional.

2. O INDIANISMO E NOSSA MARMELADA ÉTNICA

Os Timbiras cantavam, dentro da literatura portuguesa, sentimentos desconhecidos na metrópole lusitana,

a que as letras nacionais continuavam colonialmente obedientes. O sôpro indianista renovava os ares:

*Os ritos semibárbaros dos Piagas
Cultores de Tupã, e a terra virgem
Donde, como dum trono, enfim se abriam
Da Cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, as batalhas mal sangradas,
Do povo americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira. Evoco a sombra
do selvagem guerreiro!...*

Já se notou que não é a Iemanjá do negro, que surge na linguagem maviosa, como divindade das águas, — mas a Iara, do índio, com seus cantos, seu boré, sua inúbia, seus Piagas, seus manitós, em meio às selvas, com pacas, jabotis, coatis, caitetus: êsse alvorôço da bicharada espantava das matas americanas as sombras das dríadas e hamadriadas gregas, que a arcadismo importara sem direitos de alfândega, e instalara ficticiamente nos bosques tropicais.

O indianismo literário fôra uma espécie de chanceler, um mensageiro sutil das mutações político-sociais, que atravessávamos: era a primeira forma do nativismo a busca de seu centro de gravitação ideológica. Manifestara-se canhestro em datas anteriores. Por que não mencionar o poema épico intitulado *Independência do Brasil*, de Teixeira e Souza, dedicado ao Imperador, de uma garrafal mediocridade no ponto de vista literário, mas de densa significação sociológica? Pois lá se dramatiza o conflito e a harmonia das raças no *melting pot*

da nossa palpitante marmelada étnica. Já o historiador brasileiro Capistrano de Abreu observara como evoluiu literariamente a tendência nativista dentro do folclore: na sua primeira fase, é o *marinheiro*, isto é, o colono, o homem que vem do mar e enfrenta a selva nos passos iniciais da desbravagem; na segunda fase, é o *caboclo*, o resultado do caldeamento racial, faiodermo indióide em conflito com a civilização e as elites reinóis; na terceira, manifesta-se a tendência para o armistício e a assimilação. Nos contos e nos cantos populares, daí por diante, a sátira, a irrisão, o ridículo não ferem mais o colono, absorvido em processo social que superou todos os momentos anteriores.

Mas então já a vertente do século descamba na sua segunda metade. As correntes republicanas revigoraram-se no meio nacional. "O povo brasileiro — diz GILBERTO AMADO, — não podia ser apenas as 400 mil pessoas das famílias proprietárias de escravos, os fazendeiros e senhores de engenho de onde saíam os advogados, os médicos, os engenheiros, os diplomatas, os chefes de empresa, únicas pessoas que sabiam ler, tinham alguma noção positiva do mundo e das coisas e podiam compreender, dentro de sua educação, o que vinham a ser monarquia, república, sistema representativo, direito de voto, governo, etc."

A iniciativa do Senador Vergueiro, introduzindo braços salarizados de colonos europeus na sua fazenda de Ibicaba, nos meados do século, e a colônia do Dr. Blumenau, deram o sinal de que a estrutura escravocrata começava a fender. A idéia da emancipação do escravo ampliaria sua fulguração nos espíritos — e tôda

uma mocidade romântica, já começando a voltar-se para o naturalismo e para o parnasianismo, seria exaltadamente republicana e abolicionista.

Castro Alves declamará ante platéias entusiasmadas, com a galhardia de paladino juvenil, cabeleira revôlta batida por uma aragem de batalha, as estrofes do navio negreiro, povoado de gemidos e miséria:

*Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!*

E concluía numa indignação patriótica e numa impetuosa sonoridade:

*Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de Bacante fria...
.....
Levantai-vos heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares!*

A esta turbulenta consciência romântica seguir-se-ia o advento de novas elites literárias, que volveriam a proa da galera estética para a estrêla eternamente matutina do equilíbrio clássico. O oscilar da pêndula espiritual da exaltação dionisíaca para a impassibilidade apolínea, da ebulição sentimental para o apuro racional, reflete as épocas sociais que Saint-Simon havia qualificado de épocas críticas e épocas orgânicas. A matéria-prima de tôdas as literaturas, mesmo as que mais pretendem isolar-se da vida em "tôres de marfins", é a seiva das culturas humanas: e o próprio ato de abster-se já é ato de significação social e política. Fugir é também uma atitude. Ninguém escolhe seu tempo, sua época ou sua cultura para nascer.

No crepúsculo da centúria passada, o parnasianismo triunfara depois da batalha que travara com o romantismo. Teria depois que enfrentar outras correntes, porque a paisagem social é uma mudança permanente, e com ela variam as idéias estéticas e o gôsto literário. Mas, na variedade das mudanças, não percamos de vista as que são apenas modas efêmeras, cacoetes insignificantes, desvios pretensiosos, e que não exprimem nova etapa ascendente no progresso do Espírito humano.

3. O MILAGRE DA LINGUAGEM

Talvez seja cedo para julgar as manifestações artísticas que enchem o cenário beletrístico da atualidade. Paremos nas suas fronteiras, com certa desconfiança: a proximidade excessiva dos fenômenos sociais dificulta a sua apreciação. Entretanto, em rápida inspeção, per-

cebemos que já estão ao nosso alcance vários síndromes para diagnóstico da Arte de nosso tempo, à luz de critério sociológico. O desarraigamento de certas elites, a sua incompreensão da perspectiva histórica, levam-nas a contorsionismos e desfigurações subjetivas. Daí os introspeccionismos que suprimem as conexões sociais. Daí o hermetismo em que se clausuram. Uma Arte que perde sua ressonância artística no povo é uma Arte que se bizantiniza e começa a estiolar. Esse, o sintoma fundamental.

Não vou com tal declaração cair no exagêro oposto, que, recordando o romantismo herderiano, concebe o povo como sendo a entidade criadora. A intuição genial de Hegel já revelara que, através das manifestações da consciência de um povo, qualquer produção humana era livre produto da consciência individual. Foi assim que negou a tese wolffiana que sustentava ser a *Iliada* o produto de uma massa de cantores anônimos, despersonalizando Homero numa rumorosa grei de aedos. A penetração do espírito coletivo no individual — comenta Menendez Pelayo — não exprime a negação e absorção da personalidade, mas sua robusta afirmação como órgão histórico da comunidade.

Conforme anotou um estudioso do folclore brasileiro, Augusto Meyer, a análise do fato folclórico, com os métodos de pesquisa modernos, mostra que enorme percentagem de modismos, movimentos líricos e temas atribuídos à inventiva popular vieram da península ibérica, na traslação da cultura para terras americanas, disseminando-se pelas populações nativas. O processo de folclorização é responsável por largo e vivaz material

difundido na sobrevivência folclórica do continente, “adaptados ao nosso gosto, mas conservando o sabor atlântico de suas origens”.

Eis o milagre da palavra, essa criação maravilhosa que permite a visão interna da alma da cultura, de seu *insight*. Afonso Reyes disse, numa página inolvidável, o encanto de seu ouvido educado e erudito, ao escutar, nas ruas do Rio de Janeiro, o linguajar carioca: e confessou que tinha, por vêzes, a impressão de reminiscências sintáticas e léxicas de gosto deliciosamente arcaico às suas oíças castelhanas. Mas é ainda no folclore rural onde se descobrem antigas riquezas esquecidas. Daí lembrar a afirmação de Ramón del Valle Inclán quando disse: “as cidades corrompem os idiomas, mas os campos os conservam” .

A potência artística de um escritor ou poeta se nutre, como disse Vossler, da educação inicial e primitiva da língua madre, onde predomina o fundo genésico da afetividade, que se manifesta na sintaxe específica da linguagem emocional, sintética e interjetiva, verdadeiros gestos vocálicos, antes de suas decomposições nos formalismos analíticos e lógicos. É a lírica que nos dá a flagrância estética desses valores idiomáticos mais íntimos, úmidos de seiva afetiva; e quanto mais se aviva o acento lírico, mais o elemento rítmico, melódico, métrico sobreleva e submete e vence a construção analítica e formal. É isso que torna intraduzíveis os grandes poetas. E' nesse sentido que Unamuno disse que toda literatura é tanto mais universal quanto menos traduzível. À proporção que se acentua o cosmopolitismo,

o poeta descaracteriza-se e perde seu vigor estético, dissipando-se-lhe a *vis poetica*.

Basta que vos lembreis dessa poderosa e forte literatura gauchesca, do manancial do trovadorismo payadresco, das estrofes de pujante colorido do *Martin Fierro* para aceitardes a demonstração da tese em sua plenitude.

O sentir regride a formas profundas e vitais do psiquismo, de onde germinaram os complexos fônicos — e é lá que a poesia mergulha raízes fundas, fontes primigênicas dos magros esquemas do logismo: e os tropos, as metáforas, as imagens, as aliteraões, todos estes recursos linguísticos são técnicas que conservam a força mágica e regressiva, a *Weltanschauung de vitalidade* afetiva e arcaica. Por isso, Vossler pedia que se considerassem os compêndios obsoletos de retórica como sendo as primeiras tentativas para o tratamento sociológico da linguagem.

Só então se percebe a transição do *sensível* para o *significativo*, da intuição imediata do *símbolo* para o *sinal* pensado, que nega dialeticamente o sensível no apreender radiograficamente o “universal” das realidades: a inteligência significativa supera a imaginação simbólica. E tal fenômeno só é possível graças à linguagem: então a inteligência se exterioriza a si mesma, *aliena-se* nas suas criaões. O mundo dos sinais des-subjetiviza-se, torna-se *outro* mundo, que lhe surge como estranho e arbitrário. Esta cisão, que resulta da maturidade lógica e cultural, a poesia desconhece-a. Porque haure suas forças numa espécie de infância da linguagem, onde o universal abstrato palpita no concreto

individual, no mistério do *Logos*, que Hegel tentou exprimir na sua *Phenomenologie des Geistes*, o mais estonteante livro escrito por um filósofo. A infância mágica da linguagem! E somente quando o artifício lógico rompe a conexão mágica é que a representação consegue dissociar o "individual" do "universal", a *prosa* se desprende da nebulosa poética, o formalismo abstrato se resfria em categorias e conceitos esclerosados. A vida se embalsama no mecanicismo racionalista, que separa o interior essencial do exterior adicional, e o movimento se decompõe em posições sucessivas do fixo. E temos o pensamento sem a dialética do Ser. O pensamento que não implica o Ser.

A poesia precede a filosofia, que também nutre a poesia, cuja matriz está na linguagem primordial, no *epos*, que é a linguagem perdida do *ontos*, nas fronteiras indecisas entre o sensorial e intelectual. . .

As modificações na estrutura dêsse instrumento plástico, sonoro, infinitamente maleável e sutil, correspondendo às variações das estruturas sociais, dentro do movimento histórico, têm inexplicáveis flexibilidades próprias, que escapam das teorizações sociológicas e psicológicas. Sob as normatividades, impostas pela linguagem culta — o *sermo urbanus, eruditus, prisca latinitas* — corre o rio profundo da linguagem popular — o *sermo vulgaris, cotidianus, proletarius, inconditus, sordidus, plebeius* — com suas variações dialetais, suas modalidades regionais e profissionais, que envolve e subjuga o arcabouço da sistemática gramatical constituída: e é a força política que lhe empresta unidade, como mostrou Vendryès.

Foi a prevalência de Castela que fundiu as variedades filosóficas do espanhol na homogeneidade unitária do mesmo idioma. O português, que migrou para os trópicos americanos, sofreu sua aculturação, em função do ouvido indígena e das populações que se miscigenaram, sob a inteligente ação catequética do jesuíta, êstes mestres do Brasil nascente. Durante o largo período colonial, a *língua geral* foi grandemente falada. A prédica dos padres não seria entendida pelas populações, no século XVI e XVII, se fôsse feita em português, conforme atestam numerosos cronistas da Companhia de Jesus. O padre Vieira escrevia que aprendia com o ouvido colado à bôca do selvagem para conseguir fixar gráficamente os sons da fala indígena. Mas o esforço para disseminar o português persistiu como necessidade inadiável do processo assimilador e aculturativo. Instintivamente, Portugal e Castela percebiam a importância política do idioma.

Defrontamos o árduo problema do desenvolvimento dos idiomas irmãos em plagas americanas, mas seu planteamento está fora da competência de nosso estudo. Nova luz, contudo, advirá do critério sociológico na dilucidação das questões fundamentais dêsse capítulo da linguística.

4. A FRATERNIDADE LATINO-AMERICANA

Nas nossas Faculdades de Filosofia, tais problemas constituem objeto de preocupação. E nos cursos científicos e clássicos, que antecedem o período universitário, o estudo do castelhano, há mais de um decênio,

figura obrigatoriamente nos currículos escolares. O adolescente entra em contacto com o mavioso instrumento que tem tanta harmonia e beleza e lhe abre acesso ao mundo delicioso de tantas criações estéticas.

O Presidente Getúlio Vargas, com superior descortino e cheio de amizade por êste glorioso país, desejoso de uma convivência amiga, que desabrochasse e florisse no seio juvenil das escolas, determinou a instituição da língua castelhana no nosso regime curricular. Viu o estadista que já era tempo de preocuparmo-nos conosco mesmos, para uma união latino-americana. Estivemos demasiadamente voltados para a Europa. De lá nos veio a linfa civilizadora, que bebemos a largos sorvos. Chegou a hora de voltarmo-nos para a grande família, de tantas nacionalidades, crescidas e robustas. Dirijamos as vistas para nossos problemas. Encaremos nossa vizinhança cheia de esplêndidas possibilidades. Aperremo-nos as mãos sôbre as fronteiras, porque a Inteligência não tem fronteiras. Abramos os corações num *sursum corda!* de simpatia e serenidade. Somos vizinhos, conheçamo-nos bem. A cultura é a porta aberta para a concórdia fecunda. A criação desta cátedra enlaça mais um elo na cadeia da amizade continental. O Embaixador de meu país agradeceu em nome de minha pátria e de meu Governo.

Resta-me apenas dizer que a Universidade do Brasil endereça à Universidade de Buenos Aires, neste momento, a mais pura expressão de sua homenagem comovida e fraternal.

ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO, EM 1954, DO "CENTRO DE ESTUDOS BRASILEIROS", EM BUENOS AIRES, PELO PROF. DJACIR MENEZES

COM esta singela cerimônia, o "Centro de Estudos Brasileiros" encerra o seu primeiro ano letivo em Buenos Aires. Os que nos dedicamos à tarefa de organizá-lo, sob os auspícios da Embaixada do Brasil, já presentimos, nessa curta experiência, alguns pontos débeis do programa de solidariedade inspirada nos motivos culturais.

Era, entretanto, o ano do nascimento. Numerosos problemas nos assediavam por todos os lados: escolha do local, instalação adequada, serviços de secretaria, programas e horários, formação de turmas, composição de uma biblioteca, carência de livros didáticos, câro orfeônico, cursos extra-curriculares, — que sei eu? Tudo isso teria de partir do meridiano zero, e principiar do aligerce.

Temos, já se vê, consciência das falhas, e de boa sombra recebemos as críticas de que somos passíveis. Mas não será essa consciência das imperfeições um passo para a correção e aperfeiçoamento? Para o esforço de melhorar a obra estão convocados os mais cordialmente interessados, os que são a matéria-prima de nossa faina, o alunado.

A minha já longa experiência pedagógica, que começou precoce e se alonga por mais de cinco lustres, me autoriza a reconhecer e proclamar a excelência das elites estudiosas que freqüentam as nossas classes. É natural que para elas volvamos os olhos na ocasião em que se concedem os certificados ao primeiro pugilo de alunos, que tão dignamente representam esta terra acolhedora e nobre. Desde que me dirigi, pela primeira vez, aos estudantes argentinos, que me saltaram as evocações do seu passado, — mas de seu *passado pensante*, dos expoentes de sua inteligência, os que forjaram as obras de sua Arte, de sua Ciência, de sua Filosofia. São as constelações de artistas e pensadores que polarizam irresistivelmente a admiração da juventude do Continente, — porque é nas páginas de Echeverria, de Sarmiento, de Alberdi, de Mitre, de Ramos Mejia, de Lugones, de Ingenieros, de Korn, que o espírito se abebera das idéias e dos sentimentos que nutrem a vitalidade das culturas. Através dêles, que se sucedem na História como uma cascata de luz em que cada degrau fôsse uma geração, derivou a onda fecundante, vinda lá das entranhas ibéricas, nos séculos coloniais, para refflorir na glória dessas pátrias multiplicadas na grande família latino-americana.

Sim, meus amigos, são êles que produziram as maravilhas do pensamento que congraça e conjuga os homens. Representam o que há de mais nobre em qualquer nação do mundo.

Para mim seria quase impossível despedir-me de todos vós, na hora em que regresso ao Brasil e à cátedra universitária, sem recordar convosco, o período que

culmina neste ato, eloqüente na sua simplicidade e límpido na sua significação. E ao fazê-lo, manda um inato sentimento de justiça, que está no fundo de tôda consciência honesta, que renda, em meu nome e no de meus colegas, o preito de homenagem ao excelentíssimo Embaixador Orlando Leite Ribeiro. Bem sei que o constranjo, e que êle preferiria a discrição do nosso silêncio. Ele foi outrora hóspede desta terra generosa, que o acolheu, com outros grandes nomes da geração que sonhou o Brasil das madrugadas de 1930. Não é possível calar neste instante o que lhe deve esta organização educativa, no testemunho de professôres e alunos.

Lembremos ainda o nome de um ausente, que é presente nesta hora: o ministro Jaime de Barros. Êle assistiu e propiciou a fundação desse órgão educativo, inaugurando seu ciclo de conferências. Com esclarecido tino norteou a rota que se gizava. Outras vezes amigas se ouviram, como a da Conselheira Zuleika Lintz, que respondeu, em certa fase, pela direção do setor Cultural.

Entre os presentes de corpo e espírito, não poderíamos olvidar a inteligência e apoio do Ministro Borges da Fonseca. E bem ao nosso lado, previdente e vigilante, o secretário Pedro de Souza Braga, atento a todos os pormenores das questões que a novel entidade suscitou nas suas relações exteriores e internas.

Devia circular hoje o número segundo dos *Cuadernos Brasileños*. Circulará na próxima semana. Desta vez, a colaboração dos alunos foi positiva, em contribuições literárias valiosas; e, segundo indicam os sintomas, será uma colaboração crescente.

Sim, crescerá sempre. Porque dêles é que depende o Centro, no seu labor de aproximação e compreensão. Surgiu para os estudiosos que desejam conhecer um país vizinho e amigo, — mas regularmente ignorado na sua fisionomia intelectual e artística. Os livros espanhóis são vendidos no Rio por três grandes livrarias. Uma delas está estratégica e significativamente situada a poucos passos do edifício do Ministério da Educação. Pois aqui em Buenos Aires não se sabe onde encontrar livros em língua portuguesa.

Quase diariamente, perguntam os alunos onde e como adquirir livros brasileiros. Que lhes responder? Um editor me dizia que dispunha de bons tradutores para oito ou nove línguas estrangeiras, incluindo o japonês e o guarani. Só não tinha tradutor para português. Acho que era “blague”. Mas me lembrei do caso contado por Érico Veríssimo, na sua *tourné* pela América do Norte. Parou em Hollywood e foi apresentado a Betty Davis por um escritor ianque. A grande estrêla, muito amável, disse-lhe que andava estudando o castelhano para poder visitar o Rio de Janeiro. Mal se retira a artista, Veríssimo se volta para o escritor, espantado:

— Imagine isso! Se uma artista inteligente como Betty Davis pensa que falamos espanhol, que pensarão os demais?

E o escritor, tirando o cachimbo da bôca, noutro espanto:

— Que diabo de língua então falam vocês?

O fato é compreensível porque se refere aos ouvidos do Tio Sam. E' um Tio anglo-saxão, distante e dife-

rente. Ele tem outra educação, outra política, outro sangue. Também um escritor português, o divino Eça de Queirós, escreveu, resumindo impressões rápidas, que a fala norte-americana era apenas “slang”, brutalidade e saliva. Assim, todos vamos tendo nossas razões. Oíças tão afastadas da nossa família idiomática podem experimentar estas surpresas. Mas nós outros, brasileiros e argentinos, somos vizinhos. Estamos pertinhos, geográfica e idiomáticamente. Tivemos matrizes únicas, nas raízes peninsulares.

Para a América Latina é importante o comércio do livro. A solução está ao alcance dos interessados. Os interessados são o diplomata, o professor, o jornalista, o estudante, o comerciante, o editor, as classes intelectuais em geral, o povo, o govêrno, todos.

Disso pende nosso programa de amizade e compreensão. São as bases do programa. Bases fáceis, indispensáveis, exequíveis. Nelas assenta o programa da cultura. Programa que está acima das ambições mediocres, que assanham, dividem e hostilizam. Programa que está na região serena das idéias, das emoções, das criações da Arte, das belezas da língua, das paisagens literárias, de tudo que floresce como expressão de seiva espiritual.

Neste momento de despedida, que outras palavras vos poderia dizer um professor que só crê nas armas de sua profissão? São armas que não despedaçam, que não ensangüentam, que não enlutam. Armas que não cavam túmulos, não semeiam a miséria, a orfandade, a lágrima. De seus golpes rebentam auroras de paz, cantam

marselhezas de liberdade, abrem-se os panoramas iluminados do espírito. Armas que criaram a *Divina Comédia*, a Nona Sinfonia, a Vitória da Samotracia, os *Lusíadas*, o *Martin Fierro*, os *Timbiras*. Armas que as mães abençoam no recesso dos lares e os pais no recesso dos corações. Puras como o riso das crianças, limpas como pétalas de um lírio. Armas benditas, armas de santidade, armas humanas, armas eternas.

Nelas, eu creio. E com elas, creio na fraternidade argentino-brasileira dentro da fraternidade continental. Creio no papel das juventudes dessas pátrias irmanadas às demais pátrias do Continente. Creio na geração estudiosa de que sois uma parcela generosa e altiva.

Creio ainda mais: creio que vós credes comigo. Porque, enquanto assim o crerdes, nada estará perdido. E se amanhã, por acaso, nuvens más cresçam, e enegrem, e enoitem o horizonte, e relâmpagos fuzilem, riscando o ébano dos céus atônitos, — para além da borrasca sempre raiarão arco-iris de porvir e bonança, anunciando a Paz entre os homens de boa vontade e de pensamento. Porque dêles será o reino da Esperança e da Terra.

Que a competência de meus colegas docentes assegurem o progresso dêste Centro — não paira sombra de dúvidas. Aí está o trabalho de Lígia Fonseca de Rás e Rosa de Ipola, nas duas séries fundamentais, como penhor do ensino da língua portuguesa. Reconhece-o o alunado, nos fins de ano, com a espontaneidade de demonstrações que atestam o valor das duas mestras incomparáveis.

E que dizer do esforço de Álvaro, secretário e professor, que não saibais vós? E dêsse mestre tão festejado pelos diplomandos, o ex-cônsul Mário Fernandes? Eles terão a felicidade de continuar convosco, nesta cidade amável e linda, nesta terra de horizontes escancarados, como para ressoar, num acorde de lira de Titã, aquêles decassílabo heróico, que fazia empalidecer o nicaraguense Ruben Dario: *Libertad! Libertad! Libertad! Oid, mortales, el grito sagrado!*

Eles continuarão a obra do Centro. Mesmo de longe, acompanharei, emocionado, vosso labor construtivo e amigo.

Ao Senhor Embaixador, que me honrou com sua confiança e apoio, indicando-me para a direção do Centro, renovo a expressão de meu mais alto e vivo aprêço.

CARTA ABERTA SÔBRE A ABOLIÇÃO NO CEARÁ

MEU prezado consócio Raimundo Girão, — um abraço de parabéns pelo seu livro “Abolição no Ceará”. V. está na linha espiritual do Barão de Studart: para dizer o que deseja, vai pacientemente à cata do documento, revolve a papelada antiga, com bom faro de pesquisador, aliado à clara exposição da matéria. Digo-lhe simplesmente que é trabalho que honra o Instituto, a que ambos pertencemos com certo orgulho.

Não se pode negar que foi um belo movimento. Aquele impulsivo — “a sociedade libertará escravos por todos os meios ao seu alcance” — ainda hoje emociona. E que nomes na Sociedade Cearense Libertadora! João Cordeiro, Antônio Bezerra, João Lopes, Maria Tomásia, tantos mais, que desfilam no seu livro, enchem-nos de comovida admiração. Aluno de Liceu, ainda vi alguns sobreviventes a transitar por essa Praça do Ferreira de outrora, com hábitos tão diferentes. Estou quase parafraseando o Eça: “praça para sempre passada, memória quase perdida!” Evoco isso para mostrar que um cearense, que entrou para o Liceu em 1921, ainda respirou em atmosfera que não mais existe — mas que sopra, como leve e doce aragem do Ceará antigo, nas páginas

do seu livro e que vem, em última análise, de nós mesmos, do fundo misterioso disso que se chama “consciência”. Vem das alçadas longínquas, de recordações tão remotas, que a gente às vezes acredita no psiquismo hereditário... Mas vamos ao ponto.

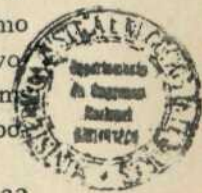
Rendidas as homenagens, que V. tanto merece, sufo as saudades do Ceará antigo para começar a pensar sociologicamente. Talvez aí esteja a encruzilhada de uma divergência: eu não vejo o problema como historiador, mas como estudioso de sociologia e história social, o que dá um ângulo de refração diferente. Já havia dito ao Filgueiras Lima, a propósito de seu belo livro “Terra da Luz”, que eu figurava entre os que interpretavam a abolição cearense, em 1884, como ato muito lindo, mas favorecido pelas circunstâncias históricas peculiares ao meio cearense. Recusar isso, é admitir que possa haver ato histórico sem raízes sociais, uma espécie de chuva e trovoada no céu escampo, zinzindo de sol. Para que? para tornar os abolicionistas ainda mais heróicos no seu heroísmo? Isso é fazer lenda ou mitologia, não história social. Ninguém rouba o florão da Terra da Luz, nem devasta o rosal da Liberdade, do nosso distinto e querido colega de Liceu Perboyre e Silva, porque reconhece e assenta as premissas sociológicas que tornaram possível a João Cordeiro e tantos mais arrebentar o êlo nefando. Claro que a corrente quebra no anel mais fraco — e o anel mais fraco assim mesmo era bem duro: custou, portanto, a partir e exigiu esforço e heroísmo. Mas, historicamente, estávamos em melhores condições de ruptura do que a imensa cadeia que se estendia Brasil a fora.

Pelos dados, que V. cuidadosamente acumulou na obra, doravante indispensável aos estudiosos, pode-se perfeitamente acompanhar o enfraquecimento da cadeia que ia ser rompida em 1884. Pergunta-se: se não atuassem aquêles lutadores admiráveis? se não flamejasse o anseio de libertação na alma cearense? Bom, então não se teria o 1884. Porque o ato histórico resultou exatamente da confluência de tudo aquilo. V. há-de convir que passeatas de crianças, discursos enérgicos e declamações doridas sôbre o negro e seu sofrer inflamam as almas. Entretanto, a inflamação só se propaga se as condições sociais facilitam a contaminação dos espíritos. Não quero crer que as almas paulistas ou baianas, com tantas mães e poetas, fôsem insensíveis à dor africana. Não tiveram, porém, a felicidade histórica do Ceará, que pôde antecipar-se, luminosamente, ao 13 de maio. Não vou catar no seu livro os dados que estão ao alcance do leitor. Lembro apenas uma página, de *Perdigão Malheiros — Escravidão no Brasil*, 3.^a parte, 1866, Tipografia Nacional, Rio — onde deparei ponderações curiosas sôbre o movimento que crescia. Ele retira do Senador Pompeu indicações sôbre a proporção entre homens livres e escravos: enquanto o Maranhão não dá 5 livres para um escravo, Bahia não dá 4 para 1 escravo, Rio não chega a 3 para 1, São Paulo 8,5 para 1, — o Ceará dá 14 homens livres para cada escravo. Sei que é defeituosa a estatística feita quase a olhômetro — mas é provável e é sugestiva a proporção. Isso ainda em 1864!

Não tenho tempo para coligir dados sôbre o desenvolvimento das percentagens, porque parece que foi de-

pois da famosa sêca de 77 que mais aumentou a venda dos escravos cearenses para o sul. Desciam de todo o nordeste, como V., historiador minudente, sabe mais do que eu, estudioso imprudente. A resistência das camadas possuidoras continuou, entretanto, bem vigorosa — e a luta dos abolicionistas justifica o galardão que lhe reclamam poetas em nome da História — o de “terra da luz”, conferido por Patrocínio. Havia ainda 30.000 escravos quando se deu a libertação! Os homens moderados, que não queriam sobrôço, pregavam uma emancipação lenta, que não desse prejuízos ao país, isto é, à camada beneficiária do trabalho servil. Ah, os homens pacatos jamais fizeram história, que é coisa de gente afobada. Os pacatos, como eu e V., fazemos estudo de história, não história, o que é bem diferente. Por mim, reclamo apenas sombra e água fresca, como diz a sabedoria penetrante do carioca. Basta ouvir o citado e pacato Perdigão Malheiros quando nos adverte que “atacar a escravidão para transformar o trabalho escravo em trabalho livre é mudar completamente não só a face da sociedade nos centros populosos, mas, e particularmente, no campo, é tocar em a nossa principal fonte de produção, e, portanto, da riqueza privada e pública” (p. 212, *ob. cit.*)

Imagina V. o que vinha a ser isso? Era como se hoje, um de nós, lá no nosso querido Instituto, rompesse a falar na transformação do trabalho salariado em trabalho socialista! A propriedade privada é sagrada, como avisam todos os homens pacatos, — e quando se invocava o abolicionismo, os homens pacatos, que são também prudentes, ficavam de face sombria. Só os carbo-



nários, os Marats, os jacobinos, ansiosos por mergulhar o país no sangue, poderiam prosseguir pregação tão inclemente. Foi difícil convencer aos possidentes do braço negro que não podiam ser proprietários do seu semelhante e de seu irmão! Mas quem não era proprietário se convencia com caridosa rapidez das verdades evangélicas, o que, de certa forma, produzia alguns inconvenientes. No Ceará, a proporção das convicções era de 14 homens livres contra 1 escravo, se ecreditarmos na estatística do Senador Pompeu. Eu, homem de fé na história, acredito até na do Souza Pinto.

Perdigão Malheiros, cuja moderação admiro, diz-nos que a "emancipação imediata, isto é, declarar desde logo livres todos os escravos existentes no Brasil, é solução absolutamente inadmissível na actualidade (escrevia em 1886) e mesmo em futuro próximo". E provava que era absurdo fazendo considerações sobre o lavoura, sobre as fortunas nela alicerçadas, sobre a tranquilidade nacional, sobre razões de paz e de Estado, — razões sólidas, razões magníficas de ordem pública, que repercutiam solenemente na imprensa e no fundo das consciências que não tivessem seus haveres comprometidos no eito.

Estou à margem de seu livro, como V. vê. Quis bater um papo sobre o panorama social que o livro evoca — e danei-me a falar, debruçado no teclado da máquina, como quem bebeu água de chocalho! Tudo isso para dizer-lhe afinal que admirei o seu trabalho, gostei da documentação. Agora, ao terminar, nem sei mesmo se marquei alguma discrepância entre nós: porque V., historiador vigilante, adstringiu-se rigorosamente ao do-

cumento e à história, sem alongar o vôo em interpretações inúteis. Mas esta carta terá pelo menos este valor mínimo: o de abrir algum debate sobre a obra, despertar atenção dos estudiosos — e, sobretudo, obrigar-nos a volver os olhos para aquelas figuras de alta nobreza espiritual, que cresceram, cheias de dignidade e generosidade, acima das misérias em que chafurdam os pigmeus do presente

Um grande abraço do confrade amigo.

Tijuca, 9, outubro, 56.

A MASSA, O URBANÍCOLA E O INTELECTUAL (*)

I

COM as grandes concentrações urbanas, surgiram sinais de mudança nos estilos de convivência humana. De início, foram as antenas literárias que captaram, no campo espiritual, os prenúncios da transformação material que se operava. Deram-nos o *insight* daqueles processos, a visão interna e sutil, pelas vias artísticas, antes da formulação conceitual e lógica, pela elaboração científica. Cito apenas um exemplo sugestivo: a análise social da obra de Balzac mostrou o processo de decomposição do *ancien régime* na sua plenitude: a psicologia do fidalgo decadente, do tubarão das finanças crescendo, da burguesia mercantil ascendendo, dos *nouveaux riches* ambiciosos, dos matrimônios de conveniência, todos os fenômenos típicos da classe aristocrática que transigia e cedia passo à nova camada social do dinheiro como forma onipotente e onipresente do capital. Balzac fez inventário das categorias sociais tomadas ao vivo e bolindo. Chamou-o *la comédie humaine*.

(*) VI Congresso Interamericano de Sociologia, no México. — Tese apresentada a convite do Prof. Mendieta y Nunez.

No fundo do urbanismo moderno, estavam as forças do capital que se concentrava através de mecanismos econômicos, construídos pela atividade industrial, cujas técnicas se desenvolviam rapidamente. Eletrificação, higienização, edificação, transportes, todos os problemas suscitados na grande cidade, pendiam de ciências correlacionadas, que eram chamadas a prestar seu concurso. No plano político, a presença da "massa" acusava-se poderosamente. Os movimentos democrático-nacionalistas sucederam à entrada do proletariado no cenário europeu; a primeira guerra mundial, a revolução russa, o Estado nazi-fascista são etapas que marcam a história do Ocidente.

II

O fracasso progressivo do celebrado automatismo do sistema econômico determinou a transferência de certas chaves de liderança econômica para as mãos do poder público. Assistiu-se a ruptura e dissolução das estruturas tradicionais. As multidões tomaram aspectos novos — e se definiram outras formas de organização partidária. O partido burguês criara o *comité*, o socialista imaginara a *seção*, o totalitarismo inventou a *milícia*, o comunismo instituiu a *célula*. São os instrumentos destinados à penetração no seio das massas para o aliciamento da clientela. Mas têm espírito inteiramente diferente. Enquanto na Idade-média a religião se tornou uma política, na idade contemporânea a política se tornou uma religião: absorveu o indivíduo *in totum*. Os partidos extremistas são ordens religiosas. Dominam

tôda a consciência: centralizantes, militarizados, exclusivos, autocráticos. Ante sua fiscalização não há "vida privada". E como são monolíticos, não admitem a coexistência: a luta pelo poder é, em caso de êxito, a extinção dos adversários. Luta de vida e morte. No designio de impedir a proliferação de heresia ideológica, suprimem a crítica. Assim, desaparece a atmosfera do intelectualismo racionalista, que é condição da ciência. Instala-se a oligarquia plebiscitária, que se apóia no partido-classe.

A massa não dispõe de órgãos que a esclareçam, mas de órgãos que a domesticuem no mesmo catecismo, que gira, por sua vez, em torno do núcleo carismático: o "chefe". Certo infantilismo regressivo da massa contribui para revivescência de arquétipos oriundos de antigas formas de pátrio poder, que ressurgem instrumentalizadas em técnicas políticas. Em tal processo regressivo, evidentemente, o intelectual, crítico pertencente à cêpa do velho tronco racionalista, alimentado de enciclopedismo e de liberdade, passa a ser o indisciplinado, provocador de querelas e muito *raisonneur*. E' preciso então retirar-lhe os meios de ação expressiva e comunicativa — e esterilizá-lo.

III

Dispensamo-me de repetir as descrições que, desde Tarde e Le Bon, se fazem nos livros no intuito de caracterizar a "massa", apontando os processos psicológicos de sugestibilidade, emotividade, agressividade, primitivismo, etc. Até Freud pretendeu mesmo acrescen-

tar mais tintas ao quadro etiológico e clínico. E sugeriu que a massa tem seu ideal no *pater* primitivo, recolhido na herança arcaica do inconsciente individual e pronto a irromper na neurose e no sonho. A relação masoquista entre o "Führer" e a "massa" originar-se-ia das fontes paleopsíquicas, com a ruptura primitiva de que resultou a morte do *pater* pelos *fratres* acumpliciados na primeira ação conjugada que abriu a história do pensamento. Do drama derivaria o sentimento de ambivalência, tão fecundo à psicanálise para explicar os mitos religiosos, sociais e artísticos.

De passagem, pode-se dizer que a massa se caracteriza pela heterogeneidade e anonimato dos elementos humanos, pela ausência de tradição, de instituições e costumes, pelo desligamento entre os indivíduos momentaneamente cooperantes, conjugados na transitoriedade de objetivos sem premeditação. "As massas — elucida Mendieta y Nuñez — só existem nos países civilizados, de indústria mais avançada e de complexa organização social".

O que não quer dizer que dentro da massa não existam grupos organizados; na totalidade, porém, ela é amorfa, em virtude da inexistência de vínculos consistentes e estáveis, que pudessem dar uma configuração definida. A imagem seria a de reservatório instantâneo de forças em ebulição. Não há interesses cristalizados, — mas tensões que se canalizam tumultuosa ou arbitrariamente, no improviso das circunstâncias históricas.

Faz-se por vêzes sinonímia entre "massa" e "multidão". Prefiro distinguir, no gênero "multidão", a es-

pécie "massa", — fenômeno relativamente moderno, já dentro dos quadros do industrialismo.

IV

Sabe-se que as cidades medievais oscilavam entre 10.000 e 500.000 habitantes. Dentro delas, um processo social de trocas, que o dinheiro não desligara de todo das relações pessoais, mantinha limites acanhados, garantidos pelos ordenamentos corporativos. A liderança social estava no campo — e as prestações se faziam em produtos e em trabalho. Mas o dinheiro seria o ácido corrosivo daquelas relações feudais — e alargaria os mercados citadinos. Ao longo da história, vê-se como tais estruturas foram destruídas e assentaram-se as bases que permitiriam o advento da massa. O processo dos transportes e comunicações, multiplicou os contactos sociais aperfeiçoados pelas técnicas científicas: imprensa rotativa, rádio, televisão aceleram a "urbanização" de todos os recessos do país. O agro não é o *mare clausum* de outrora. Os órgãos de propaganda e disseminação de idéias, de opiniões, de informações modificaram radicalmente a posição do problema. A palavra falada, acessível à maioria dos seres humanos, com a instalação de microfones pelas mais remotas cidades da hiterlândia, adquire uma inesperada valorização como fator de ordem política. Mentalmente, tudo se urbaniza.

Na grande cidade, as formas de conveniência apresentam características diferentes pela diferença dos tipos de contactos sociais. A natureza humana, que manifesta certa docilidade à ação histórica, oferece exem-

plo sugestivo na psicologia do urbanícola, onde se delinea a fisionomia mental do homem participando da massa.

Na vila ou na pequena cidade, cada indivíduo está sob o Argus de mil olhos da comunidade. Os contactos são diretos, *face to face*, na experiência comum. Todos se conhecem, se espiam, se comentam, se aprovam e desaprovam. Preferências, idiossincrasias, opiniões, caçoetes, virtude, antipatias, compõem a atmosfera peculiar às pequenas comunidades. A psicologia do indivíduo se modela nessa *web of life*, onde êle se insere. A inserção do indivíduo na vida da grande cidade é completamente outra. Predominam os contactos indiretos — e será exemplo a vida num edifício de apartamento de classe média. Na rua, na praça, no cinema, o indivíduo está só no meio da multidão. Desaparecem as atitudes de compreensão e simpatia humanas que adoçam a convivência rural, com a participação fácil dos problemas e sofrimentos alheios. O indivíduo fecha-se aos seres estranhos que lhe passam ao lado. Secou o "leite de bondade humana", de que falava o bom Charles Dickens, cuja pena dispunha de tanta graça afável para pintar os momentos de ternura no contacto humano. O indivíduo é um casulo impermeável. O atrito torna-se áspero como se faltasse a lubrificação de algo, que vem da afetividade mais alta.

Mas está aí psicológicamente preparada a peça para a massa: o homem solitário na grei enorme. A família, que é a matriz dos sentimentos mais profundos, desarticulou-se em suas bases históricas quando se reduziu a agência destinada a aumentar a população, per-

dendo as funções educativas, que prolongavam as funções biológicas. Também não é mais agência econômica. Nas classes afortunadas e nos miseráveis, a desagregação se acelera sob ação de forças econômicas que ultrapassam as pregações moralísticas. A transferência das antigas funções domésticas para órgãos da hierarquia educativa assinala a transição inevitável. A família a'ivia-se, a atomização social amplia-se, os antigos laços afetivos tendem a apagar-se.

Não imitemos os medievais que viram o fim do mundo quando mudava apenas o seu mundo, o mundo teocrático. Ou dos economistas que vêem no declínio do liberalismo econômico os sinais da decrepitude total. A corrigenda está na perspectiva que resulta da sociologia e da história, despidas do vício do moralismo militante. Há que constatar o fato, não tentar ressuscitar o passado.

V

O funcionamento da democracia exige o debate das idéias — e as idéias são disseminadas por órgãos adequados ao sistema social. Rádio, cinema, televisão, jornal, livro são os veículos essenciais de ação intelectual que o poder público procura regulamentar. A classe especializada na produção de idéias é submetida a restrições e vigilância: no comunismo, a pretexto de que a ditadura do proletariado deverá ser consolidada para a construção da sociedade sem classes; no capitalismo, a pretexto de que estão perigando os valores tradicionais representados pela trilogia famosa Deus, Pátria e Famí-

lia. O cidadão, que se cercara de garantias constitucionais, é podado, raspado, descascado do broquel e metido na camisa das milícias.

O intelectual sente-se como renegado que abjurou as mitologias dominantes. Pensar não é reformular constantemente o que foi dito, mas enunciar o que ainda não foi dito, pela revisão crítica e superação dos valores estabelecidos. Há uma contínua reinterpretação, que traduz o crescer histórico da consciência, de que os estudos sociológicos é um dos aspectos mais significativos.

VI

Vítima da incompreensão, o intelectual está sob vigilância. É um suspeito. Em volta da sociologia concentra-se a desconfiança, oriunda de setores políticos onde a perspectiva histórica sofreu deformações irracionais. Aspiram êles o regime de produção de idéias sob controle do poder público: e o exemplo mais deprimente vem dos países totalitários, onde a literatura sociológica decaiu miseravelmente na mais servil ladainha à sagrada trindade do marxismo, a que se apendiculara Staline, agora descanonizado e degradado *post mortem*.

Fabricam-se estereótipos para alimentação das massas, que não experimentam a necessidade de liberdade e segurança para o trato e tirocínio das idéias. Para o intelectual, tais condições são tão vitais como as demais exigências naturais. Restringi-las ou suprimi-las é aniquilá-lo, frustrando-lhe a essência de sua atividade. Não pode existir trabalho científico sob vigilância policial. E a solução das perplexidades que atormentam o ho-

mem se prende ao desenvolvimento da força moral da inteligência. Esta denunciará as plutocracias que instigam maquinações contra as energias construtivas do porvir humano.

VII

Indiquei sucintamente a posição do intelectual em frente à massa. O drama da inteligência contemporânea é agora, mais do que nunca, a aspiração da liberdade.

Se há alguma tese a levantar de minhas considerações, será esta: — o valor pragmático e vital do pensamento está no seu papel historicamente exercitado de antecipação, de revisão e de crítica. Este papel pioneiro exprime um aprofundamento progressivo da Consciência — e processa-se pelo trabalho artístico, filosófico e científico. Trava-se hoje a peleja mais acirrada no campo das ciências sociais. E' nelas que se arvora atualmente a bandeira da liberdade de livre pesquisa. A gravidade de luta mostra não estar longe o dia em que os códigos penais punirão a supressão do livre pensamento e da crítica científica como o maior crime contra a humanidade.

BIBLIOGRAFIA

ORTEGA Y GASSET, *Obras completas*, tomo iv, 2.^a ed., Revista do Ocidente, Madrid, 1951.

LEOPOLD VON WIESE, *System der Allgemeinen Soziologie*, 2 Aufl., Muenchen u. Leipzig, 1933.

MENDIETA Y NUÑEZ, *Teoria de los Agrupamientos sociales*, Instituto de Investigaciones sociales, Universidad Nacional, Mexico, 1950.

ALFRED WEBER, *Einfuehrung in die Soziologie*, Piper & Co. Verlag, Muenchen, 1955.

DUVERGER, *Les Partis politiques*, Armand Colin, Paris, 1954.

FRANCISCO AYALA, *Sistema de Sociología*, Losada, vol. II, Buenos Aires, 1947.

Em homenagem a A. Vierkant, *Gegenwartsprobleme der Soziologie*, 1949.

DJACIR MENEZES, *As Elites Agressivas*, Organização Simões, Rio, 1953.

SAUDAÇÃO A MONDOLFO (*)

NESTA Faculdade e perante êste auditório de estudiosos, evidentemente não terei a candura de querer apresentar-lhes o grande Mestre Rodolfo Mondolfo. Convenhamos que sou apenas o intérprete da admiração e da estima intelectual dos que se reúnem hoje na singeleza desta homenagem, que é a reverência prestada a meio século de labor e de dignidade no campo da cultura.

Os admiráveis frutos de sua Obra se podem ler nas principais línguas dos povos civilizados, na consagração internacional do sábio que honra a Universidade do Brasil, acedendo ao convite de proferir a conferência que ireis assistir. O espírito juvenil dêste pensador que já vai luminosamente tocando os 80 anos dá-nos um belo exemplo de fidelidade à missão do professor de alta linhagem moral. Seus primeiros trabalhos começaram com o século: em 1902 escrevia, aos 24 anos, sobre Condillac e Hobbes, convivia com Croce, com Turati, com Gentile, com Labriola. Doutorava-se em Filosofia pela Universidade de Florença, tornava-se docente na

(*) Discurso proferido em nome do Instituto Brasileiro de Filosofia, no *auditorium* da Faculdade Nacional de Filosofia, em setembro de 1955.

Universidade de Pádua, catedrático na Universidade de Bolonha, ascendendo, pelo trabalho e pelo valor próprio, às mais altas posições universitárias.

Nunca aviltou a inteligência no cortesnismo do poder nem no maquiavelismo das facções. Com isso não quero dizer que tenha fugido para os intermúndios abstratos, quando por tôda esta tormentosa metade do século a humanidade sangrava e gemia em duas guerras bestiais e tremendas ansiedades sociais. Seus primeiros escritos revelam a juventude ardente, sonhando caminhos que aplacassem o sofrimento e a miséria. Estudou então o pensamento socialista nas suas várias fontes. abeberou-se do hegenianismo, que fascinava poderosamente os intelectuais italianos.

Veio o fascismo, e Mondolfo, como numerosos outros, teve de procurar guarida em climas livres, onde o pensamento não estivesse sob vigilância direta do esbirro. Os que não saíram a tempo, pagaram o crime de pensar diferente do camisa preta.

Não vos citarei a Obra monumental, cuja edificação prossegue. Mondolfo trabalhou assiduamente nas cátedras estrangeiras. E' na Argentina, na maravilhosa pátria de José Ingenieros e de Lugones, de Echeverria e de Alexandre Korn, entre tantos mais, que se acolhe e assenta o segundo lar. Em Córdoba, em Tucuman, em La Plata, na Capital o infatigável Mestre retoma o labor docente, fazendo mais discípulos pela palavra e pelo exemplo.

Eu o conheci, numa manhã de escandaloso frio para um jagunço do nordeste, na Calle Florida, em El

Ateneo. Já em cartas, Alcântara Nogueira instigara o encontro, que também desejava e adiava. Por indifereçável sentimento de hostilidade às relações convencionais, sempre hesito ante novas apresentações, que invariavelmente começam no formalismo cortês. E nem sempre o verniz se rompe — para que brote a sinceridade que serve à fraternidade da camaradagem intelectual. Tudo isso dissipou-se ao primeiro contacto: e no almôço com Terracini, com Vazquez, num restaurante casual, percebi logo o valor humano do sábio que aqui tendes presente e atuante.

Que terreno lavrava Mondolfo, no seu ensino universitário argentino? Basta que se volte os olhos para sua produção, em função de sua cátedra. Mondolfo fogira para a Grécia! Exagero: não era uma fuga; era um encontro com sombras gloriosas para debate de problemas eternos. Porque êle não nos aparece como o tipo vulgar e solícito de historiador da Filosofia, catador de farelos que caem da mesa do banquete, perquiridor de textos que se ressequiram porque se isolaram da vitalidade social. Êsses embalsamadores matam os mortos duplamente: no texto e no coração adolescente. E semeiam na mocidade um ódio insopitável contra as coisas antigas. Conheço sujeitos que ainda hoje empalidecem mortalmente quando ouvem falar em Platão e Aristóteles, de que se tornaram inimigos pessoais. Não perdoarão jamais o tempo em que lhes massacraram a inteligência.

Mondolfo, porém, dispõe do pujante lastro sociológico: e suas incursões pela Grécia são passeios de erudição e de vida. Os problemas ressurgem na dramati-

dade histórica. Porque a realidade social, em qualquer tempo, como devenir, é de essência histórica — e na investigação do pensamento filosófico o problema torna-se onipresente. Ninguém o sentiu com mais robustez do que Hegel. Viu a solidariedade entre o processo filosófico e a História como fases do desenvolvimento da Consciência: e assim foi destruído o conceito estático e estranho de “verdade”. Deu-nos a noção do crescimento histórico da Verdade!

O historiador da Filosofia é filósofo; sua atividade é pensar o pensamento, refazer a filogenia interior do Espírito como intimidade dos processos sociais no progredir da Civilização. Mostra-nos o desenvolvimento da Razão na Experiência concreta, histórica — e quebra o logismo abstrato e formalista, que constituiu a herança do mundo ocidental por séculos a fio.

Mondolfo sugere o drama vivo na paisagem social da Grécia: nos subúrbios do nordeste de Atenas, que as árvores sombreavam, pertinho do monte Licabeto, no campo de esportes consagrado às Musas e a Apolo Lício, sob céus lavados, — quase imaginamos o seu encontro com as sombras imortais.

Mondolfo está neste coração do mundo histórico que não cessa de bater: e ao mesmo tempo, no centro dos problemas mais vitais do Pensamento contemporâneo. Paradoxal? Engano. Nada mais presente do que o Passado militante e interferente. E' isso que a mediocridade não compreende: porque percorre a História como quem anda por um cemitério. Não capta a fôrça germinativa que está no movimento das sociedades,

fôça que vem do Passado, que é História, para o presente, que é Política. Num balanço, houve ascensão do Homem, malgrado as quedas e repressões temporárias. Malgrado as soluções instintivas da brutalidade. Malgrado as explosões da maldade e da estupidez. E' a visão confortante, que nos dá a Filosofia, alargadora de horizontes. O mito de Prometeu, escalando e resistindo, é a lição esquiliana para os séculos.

Mestre Rodolfo Mondolfo aqui está como a figura luminosa do pensador que não deslustrou a missão do trabalho universitário. Trabalho de homens livres. Só os dignos rendem homenagem à dignidade da Inteligência. Homenagem que se reflete sôbre esta Casa e sôbre as organizações culturais aqui representadas. Resumindo, meus amigos: êste pensador, prisioneiro do Passado, busca infatigavelmente sementes do Futuro.

FILOSOFIA E DIÁLOGO (*)

INSTALA-SE, neste momento, com a presença de seu presidente professor Miguel Reale, graças aos esforços de alguns estudiosos, a Seção Carioca do Instituto Brasileiro de Filosofia. Na singeleza dêste ato já está, implicitamente, a significação dos nossos propósitos de homens de pensamento, que as altas preocupações da inteligência une e reúne para o debate das idéias.

Devo declarar que o motivo essencial, que nos aproxima, é a crítica e o diálogo em tórno de questões que transcendem as pessoas e os personalismos. A nossa união se faz na base de nossas divergências espirituais, que será a fonte nutriz da vida especulativa que se pretende promover nestes núcleos de estudo e pesquisa organizados pelo Instituto sediado em São Paulo há mais de dez anos.

Entre cultores de Filosofia, é uma atitude mental autenticamente filosófica. Não entendo "amigos da sabedoria" aspirando secretamente o nivelamento das convicções ou o monólogo das unanimidades. Na uniformidade e na homenagem do credo único se matri-

(*) Proferido no *auditorium* da Faculdade Nacional de Filosofia, no dia 17 de abril de 1956.

mente: a tragédia interiorizada assumiu, na alma dos solitários, laivos esquilianos. A historicidade do intelecto desmente o solitário — e o desmoraliza irônicamente. Porque o degrada no que há de mais nobre no homem — no sentimento de solidariedade fraterna, que murmura naquele *amarás o teu próximo como a ti mesmo*, a mais luminosa sentença que ouvidos humanos já ouviram.

E' frívola a idéia de que a Filosofia isola o homem das realidades ambientes. Nós todos sabemos que a meditação filosófica opera exatamente ao inverso — imerge o pensador no âmago da História do próprio homem e da própria sociedade onde vive. Onde a razão disto? Precisamente porque Pensamento condensa Ação, é momento prospectivo de Ação, e a Ação somente ganha conteúdo humano ligada a pensamento, *historicizando*. Tentativa ilusória a de cindir o Pensamento da História, dando a interpretação falsa tão divulgada acêrca da filogenia das funções mentais que caracterizam o crescimento da racionalidade. Cada religião, cada sistema filosófico, cada interpretação científica traduz uma face ou um momento da história real da Consciência, é uma visão ou compreensão vital das circunstâncias onde respira o drama humano. E desdobram-se todos na imensa polêmica dos séculos. O mito não é apenas a fantasia arbitrária, fruto de imaginação caprichosa. Todas as ideologias são revelações da essência humana, que se objetiva nas grandes criações artísticas, científicas, filosóficas ou religiosas, na universalidade do mesmo processo. O *Ser-dado* (mundo físico-natural) é, na Consciência progressivamente ampliada da humanidade, o

Ser-revelado (mundo histórico-social). A defasagem entre os dois mundos tende a diminuir progressivamente. A Ação-instinto ascende cada vez mais para a Ação-Consciência. A linde zoológica, que demarca as fronteiras do humano, está nessa *prise de conscience* do mundo histórico. O homem adquire o *sentido da vida*. Como? pela consciência de sua finitude. Noutras palavras: êle é o único animal que *sabe que vai morrer*. Ei-lo, portanto, inserido na *Temporalidade* — para falar hegelianamente. A temporalidade é a essência do “Espírito”. Os comentadores de Hegel começam a descobrir a importância altamente significativa da idéia de Morte, que é a negatividade imiscuída no Devenir, polo especulativo da *Phenomenologie des Geistes*.

Depois de tudo isso — como dizer que os estudiosos de Filosofia, aqui congraçados, se arredam e olvidam os problemas sociais, morais e humanos, para quedarem ensimesmados e egoísticos, contemplando, como Budas especulativos, os próprios umbigos abstratos? Meditação “pura” não quer dizer isso. Por que tomar êsse adjetivo “pura” no sentido de desprendido do humano e de suas contingências? Simplesmente porque não nos reunimos para organizar uma sociedade anônima com *animus lucrandi* ou para estudar o estratagema de importar Cadillac nas malhas da lei? Entretanto, meus amigos, aqui estaremos todos nós impressionados com o afrouxamento moral das elites decrépitas, que se tornaram supersticiosas e deixam de ser religiosas, que não rezam na tradição das igrejas, mas vão à pagelança ignóbil dos terreiros nas noites de candomblés, que sorriem

do catecismo, mas empalidecem ante o número 13, que desrespeitam o decálogo, mas não têm coragem de passar por baixo de uma escada, — títeres idiotas sob ação de forças históricas no imenso espetáculo de decomposição social e moral que está aos olhos de todos os pensadores do mundo? Sim, amigos, nós, os que estudamos, somos interminavelmente perplexos. Estamos contemplando, acompanhando, compreendendo, discutindo, analisando, interpretando. Mas sobretudo aprendendo, aprendendo sempre.

Apenas o que nos distingue dêles, que nos crêem alheios e sumidos na abstração, é o ângulo de nossa visão *sub specie aeternitatis*. Nós queremos discernir, sob a trivialidade das causas fúteis, a atuação das causas reais e universais, que enquadram o problema no concêrto dos destinos humanos. Então que fazemos? Reunimo-nos, para reforçarmos o poder da reflexão pelo poder da comunhão, dentro do respeito que nos merecem as opiniões diferentes. Para isso, devemos proclamar uma regra suprema *ad directionem ingenii*: o direito de exprimir, de investigar e de pensar como inelutável, imprescritível e eterna prerrogativa da Inteligência filosófica e científica. Direito acima de tôdas as pretensões que, sob quaisquer formas políticas do Estado, se arroguem o papel criminoso de vigiar e dirigir a Consciência humana.

ÍNDICE

	Pág.
Nota	3
Vida social e criação literária.....	6
Encerramento do ano letivo no "Centro de Estudos Brasileiros"	23
Abolição no Ceará.....	30
A massa, o urbanícola e o intelectual.....	36
Saudação a Mondolfo.....	45
Filosofia e Diálogo.....	51